

FILOSOFIA E LITERATURA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Ivone Nunes da Cruz (IFTO)

ivone.cruz@ifto.edu.br

Timóteo de Sousa Lemos (IFTO)

timoteolemes@ifto.edu.br

Vilma Pinheiro de Sousa (SEMED – Davinópolis-MA)

amlivposh@hotmail.com

Locília de Jesus Silva Costa (IFMA)

locilia.costa@ifma.edu.br

Edinho Benésio Santos (IFTO)

edinho.santos@ifto.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta a importância de observarmos nos textos literários, uma mediação privilegiada da racionalidade filosófica. Apresenta-se também a perspectiva do discurso filosófico como diverso e autônomo. O objetivo foi de contribuir para a investigação desenvolvida na relação entre filosofia e literatura. Adotou-se a metodologia da pesquisa de campo com observação em recortes das redes sociais e fragmentos literários, bem como pela revisão bibliográfica, com ênfase em Marcuschi (2011). Os resultados obtidos apontam as perspectivas filosóficas nos textos analisados, bem como a sua capacidade de movimentar as novas cogitações, pois as potencialidades da obra fazem com que o sujeito possa compreender a sua forma de ser no mundo.

Palavras-chave

Filosofia. Estudos literários. Perspectivas conceituais.

ABSTRACT

This article presents the importance of observing in literary texts, a privileged mediation of philosophical rationality. It also presents the perspective of philosophical discourse as diverse and autonomous. The objective was to contribute to the research developed in the relationship between philosophy and literature. The field research methodology was adopted with observation in cutouts of social networks and literary fragments, as well as by the bibliographic review, with emphasis on Marcuschi (2011). The results obtained point to the philosophical perspectives in the analyzed texts, as well as their capacity to move the new thoughts, because the potential of the work makes the subject to understand his way of being in the world.

Keywords

Philosophy. Conceptual perspectives. Literary studies.

1. Introdução

A filosofia e a literatura, não obstante, possuem semelhanças e diferenças que podem apontar. E por isso, segundo Carvalho (2013), apreende-se o esforço comum de chegar àquilo a que comumente se chama verdade ou sentido, ou, pelo menos, de tocar parcelas da verdade e perscrutar sentidos possíveis. Ambas aparecem como domínios privilegiados na tarefa de tocar e configurar um fundo essencial por meio do pensamento e do discurso conceptual/crítico e a segunda através da imaginação e do discurso metafórico/poético.

O pensamento crítico, e, portanto, o sucesso da democracia depende muito da habilidade dos cidadãos em distinguir um bom de um mau argumento, não se deixando enganar por confusões. A filosofia crítica estabelece um padrão ideal para o raciocínio correto e capacita quem a estuda a remanejar argumentos contraditórios, assim, como a literatura também o faz, mas num viés artístico (EWING, 1953).

As análises discursiva e literária permitem reconhecer o discurso como uma forma de ação realizada por meio da linguagem, capaz de criar, reforçar, perpetuar ou desafiar práticas sociais. Para tanto, precisa em essência possuir uma visão teórica – e, por meio de alguns exemplos, uma tentativa de prática – dos itens constantes no teor desta reflexão (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002).

O presente artigo possui justificativa em evidenciar que nos textos literários existe uma mediação privilegiada da racionalidade filosófica. Apresenta-se também a perspectiva do discurso filosófico como diverso e autônomo. O objetivo foi de contribuir para a investigação desenvolvida na relação entre filosofia e literatura.

2. O caminho metodológico da pesquisa

Adotou-se a metodologia da pesquisa de campo com observação em recortes das redes sociais e fragmentos literários, bem como pela revisão bibliográfica, com ênfase em Marcuschi (2011) e outros estudiosos do discurso e da análise literária.

Sobre o levantamento bibliográfico, vê-se como uma primeira etapa de um mapeamento, que tem por finalidade levantar todas as referências encontradas sobre um determinado tema (CERVO; BERVIAN, 2002). Esses levantamentos são considerados estudos

observacionais retrospectivos ou estudos experimentais de recuperação e análise crítica da literatura, pois verificam hipóteses e têm como objetivo levantar, reunir, avaliar criticamente a metodologia da pesquisa e sintetizar os resultados de diversos estudos primários.

Em outras palavras, a problematização precisa de resposta, e por isso, busca-se responder a uma pergunta de pesquisa claramente formulada:

Formular o problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema é torná-lo individualizado, específico, inconfundível. (RUDIO, 1980, p. 75)

Metodologicamente, além da análise do discurso, tem-se a análise literária de textos, o que culmina na ressignificação frente às transformações da experiência, do papel e da importância da pesquisa. Observa-se a melhor aceção por meio da narrativa histórica, da possibilidade de se dar nova forma e face ao presente, a partir das experiências do passado, marcadas pelo inacabamento e pela pluralidade, o que leva a compreensão da história como construção ideológica e dialógica (SOUZA, 1998).

3. *Perspectivas conceituais da Filosofia segundo Sócrates*

Sócrates definia a Filosofia como um olhar para dentro de si e uma forma de extrair as ideias verdadeiras sobre aquilo que o próprio ser humano desenvolveu mediante a criação das sociedades (CHAUÍ, 2000).

Assim, num mundo de dualidades, a face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de atitude crítica e pensamento crítico. A Filosofia faz uma negação inicial às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da Filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei” (CHAUÍ, 2000, p. 9).

Sobre as reflexões de Sócrates

A filosofia está associada tanto ao saber teórico quanto à sabedoria prática, à qual aludimos através de expressões do tipo considerar filosoficamente as coisas. De fato, o sucesso da filosofia teórica não nos oferece qualquer garantia de que seremos filósofos no sentido prático ou

de que agiremos e sentiremos de modo correto sempre que nos envolvermos em determinadas situações práticas. (EWING, 1953, p. 14)

Vale o destaque que como homem de seu tempo, Sócrates concordava com os sofistas em um ponto: por um lado, a educação antiga do guerreiro belo e bom já não atendia às exigências da sociedade grega, e, por outro lado, os filósofos cosmologistas defendiam ideologia muito contraditórias entre si, que também não eram uma fonte segura para o conhecimento verdadeiro (MARCONDES, 2007).

Para Serafini (2012), Sócrates deixa para a humanidade uma preocupação em tornar as pessoas críticas e responsáveis pelo seu próprio conhecimento, assim, a autonomia é também um assunto importante em suas obras.

A filosofia de Sócrates tinha, como público alvo, todos aqueles que amavam o conhecimento e queria aprender mais, porém o filósofo não ensinou somente ideias, ele ensinou como construí-las, isto é, ensinou um método acessível para as pessoas (REALE, 2003).

4. A filosofia segundo Platão

A influência do legado filosófico de Platão, segundo Martins, (1995), na cultura ocidental é tão grande e estende-se a tantos campos que é muito difícil ter uma noção exata da sua profundidade e extensão. Um dos textos platônicos mais lidos, não só nos meios acadêmicos mais ligados aos estudos clássicos e à filosofia, sobretudo por um vasto público, é a República.

As contribuições de Platão para o legado da filosofia e da política tem sido analisado, pela generalidade dos intérpretes, quase exclusivamente a partir de textos em que definições e concepções são muito contemporâneas (MARTINS, 1995).

Para Baxter (1992), a necessidade de definir o ‘pai’ da ética, encaminha-se para a escolha certa de Platão. Por volta, de 350 anos antes do início da era cristã, Platão já havia construído um complexo sistema filosófico que é extremamente popular e influente até os dias atuais.

A teoria platônico foi desenvolvida numa racionalidade sobre a constituição da alma humana, que julgava ser eterna, estabelecendo a

supremacia e autonomia da razão sobre as emoções e os impulsos ou a vontade (BERG, 2008).

Um aspecto relevante da filosofia platônica é a distinção entre três dimensões da alma humana, a seguir caracterizada:

a) racional, o elemento superior e mais excelso, dotado de realidade autônoma e de vida própria, componente inteligente, como qual o homem conhece, e que se caracteriza por sua capacidade de raciocínio; b) irascível, a sede da decisão e da coragem, fenômenos nos quais predomina nossa vontade, e que fundamentam-se em uma força interior que colocamos em ação (ou deixamos de colocar) quando se produz um conflito entre a razão e os desejos instintivos; c) apetite, também chamado de ‘parte concupiscível’, com a qual nos referimos aos desejos, paixões e instintos. (CORTINA, 2005, p. 55)

Ainda conceitualmente, foi dito que, em geral, a ciência, a filosofia - conforme Aristóteles, bem como segundo Platão – tem como objeto o universal e o necessário; pois não pode haver ciência em torno do individual e do contingente, conhecidos sensivelmente (LOPES, 2005).

E por isso, enquanto Platão age no plano das ideias, usando só a razão e mal reparando nas transformações da natureza. Para Platão a realidade é o que pensamos, contrariamente a Aristóteles, que é também o que percebemos ou sentimos. O que vemos na natureza, conforme o próprio, é o reflexo do que existe no mundo das ideias, ou seja, na alma dos homens. Assim, a diferença de estilos: Platão é poético (VÁZQUEZ, 2001).

5. O conceito de literatura

A definição mais antiga comumente usada pelos teóricos da Literatura é aquela construída por Aristóteles. Barthes (1978) evidencia que para o pensador grego, a literatura seria uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras. É histórico que naquele momento, o filósofo ainda dividiu a Literatura em três categorias ou gêneros clássicos – o lírico, o épico e o dramático.

Amorim (2000) evidencia que, atualmente, definir Literatura parece não ser tarefa tão simples. Isso porque, a depender da civilização em que é escrita ou ainda da época da produção, uma obra pode ou não ser considerada literária, inclusive, não obstante, deve ser considerada a função social da literatura.

Nesta perspectiva, é possível dizer que Literatura é toda manifestação de linguagem que tem como uma das finalidades a expressão estética. Em síntese, a literatura é um discurso que não pretende apenas comunicar algo, mas também construir um dizer que seja belo ou envolvente em um nível sensível e humanamente profundo (LAJOLO, 1981).

Tendo a literatura como uma de suas funções a representação do real, o crítico e sociólogo Antonio Candido constrói o seu conceito de literatura:

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53)

É necessário, consoante ao preceituado por Candido, um grande esforço para que o homem reconheça que, se tem direito à fruição da arte como parte responsável pela consolidação de seu universo de conhecimento, também os menos privilegiados pela sociedade têm o mesmo direito (AMORIM, 2000).

A literatura só exercerá plenamente todas as suas funções, segundo Amorim (2001), se a ela for concedida a importância que lhe cabe, bem como um esforço de interpretação e compreensão de seu significado mais correto. Essa interpretação e compreensão resulta de uma ação a qual o indivíduo efetua no seu cotidiano, desde a mais tenra idade: a prática da leitura.

6. *Análise literária e Análise do Discurso: breves considerações*

Preliminarmente, o conceito de análise de discurso tem encaminhamentos para a procura por conhecer o caráter histórico da linguagem, uma vez que esse campo de estudo é de ruptura, o que implica assim uma gama de reconsiderações no interior do próprio fazer linguístico (MAZIERE, 2007).

Ainda para Maziere (2007), a análise de discurso se pressupõe como disciplina de confluência, já que se inscreve em um lugar em que se juntam três regiões de conhecimentos, quais sejam: o materialismo histórico, como uma teoria das formações sociais, até mesmo a ideologia; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de

enunciação; e por fim, a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos.

Por sua vez, Leite, Pereira e Barbosa (2018) têm a predisposição em caracterizar a análise e os estudos literários, conforme segue:

Podemos compreender os estudos literários, panoramicamente, como área do conhecimento que se interessa pela literatura, no sentido mais amplo, como forma de expressão artística. Essa forma de arte, entretanto, não tem uma definição objetiva. Depois de questionar algumas definições de literatura amplamente disseminadas (escrita de ficção, emprego peculiar da linguagem, discurso não pragmático, escrita “bela”), chega à conclusão de que a noção de literatura deriva de juízos de valor (ideologias) que são construídos social e historicamente e, por isso mesmo, variáveis. Os estudos da área enfocam as obras consideradas literárias (do cânone à chamada literatura de massa, literatura popular, passando também pela relação com outras mídias, linguagens e artes, e ainda com o ensino), abordadas a partir de variados enfoques teóricos, como fenomenologia, hermenêutica, estética da recepção, estruturalismo, pós-estruturalismo, semiótica, psicanálise e crítica sociológica, demonstrando, assim, que a área pode dialogar com outras, como filosofia, sociologia, história, psicologia e estudos culturais. Quanto à abordagem metodológica, geralmente rejeita-se o paradigma positivista, sob o argumento de ser reducionista no tratamento de um objeto artístico, que pede uma apreensão mais sensível, que leve em conta sensibilidade e intuição. Desse modo, privilegia-se um paradigma qualitativo. (LEITE; PEREIRA; BARBOSA, 2018, p. 920)

E, portanto, a especificidade do campo dos estudos literários não está somente no tratamento de um dado objeto de estudo, mas também nos diferentes juízos de valor ou de visões de mundo, ou de ciência e de fazer científico, que permeiam e dão conformidades às ações de linguagem, literatura e poesia. O que demonstra que as operações de linguagem empregadas nos discursos literários mobilizam conhecimentos que são específicos, de acordo com a adaptação que se faz do gênero mediante valores, normas e identidades da área (EAGLETON, 2003).

7. *O uso da poesia e de recortes da rede social no estudo filosófico*

De acordo com Recuero (2009), as redes sociais são percebidas como local para grandes manifestações e mobilizações. Elas não se limitam mais ao relacionamento, mas também como fonte de pesquisa e notícias, tendo como atributos a interatividade e participação, possibilitando não só o acesso à informação, mas a capacidade de

produzi-la com liberdade, e nisto, inclui-se a arte, a filosofia e a literatura.

Assim, retomando pontos anteriormente discutidos, a literatura tem um papel relevante na formação dos indivíduos, uma vez que é responsável por estimular a criatividade, a imaginação e por auxiliar na construção de diversos conhecimentos. Por isso, os docentes devem reconhecer o seu papel no desenvolvimento dos estudantes. A este respeito, segue a Figura 1, com a temática em questão:

Figura 1: Recorte de postagem com ênfase no papel no ensino da literatura e do fazer filosófico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Tem-se um fragmento na figura 1, com postagem ocorrida em 25 de março de 2018, obtendo 21 (vinte e uma) manifestações de opinião, por meio de simbologias próprias das redes sociais; considere-se ainda o total de 3 (três) comentários e 228 (duzentos e vinte e oito) compartilhamentos. Detalhe à frase no meio da postagem, atribuída a um professor de literatura que diz: “mas só em seus sonhos o homem é realmente livre”.

Desta forma, é bom esclarecer que se trata do filme “Sociedade dos poetas mortos”, um longa-metragem do gênero drama que foi lançado em 1990, com o roteiro de Tom Schulman e direção de Peter Weir (OLIVEIRA, 2012).

Ainda segundo Oliveira (2012), o filme retrata a história de um professor de literatura, que confronta os ideais conservadores da instituição, que pouco valoriza expressões artísticas e limita a liberdade dos estudantes. O professor estimula o pensamento crítico e autônomo dos jovens e os ajuda a enxergar o mundo de um ponto de vista diferente, perseguindo suas paixões e assumindo as rédeas das próprias vidas. Dessa forma, tenta acabar com a passividade frente a um sistema

autoritário que não permite a reflexão de suas trajetórias e sonhos. E por isso, a partir da temática do *carpe diem*, o professor desperta nos alunos a vontade de se descobrirem e aproveitarem a vida, unindo assim, as concepções da literatura e da filosofia.

Na figura 2, tem-se um recorte com a poesia de Cecília Meireles, uma poesia reflexiva e de fundo filosófico, que abordou, dentre outros, temas a transitoriedade da vida e a efemeridade do tempo:

Figura 2: Recorte da poesia Motivo de Cecília Meireles.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Consoante ao observado na Figura 2, o texto *Em termos temáticos*, apresenta caráter universal, com predominância de uma postura reflexiva e filosófica na abordagem de temas como a transitoriedade do mundo, o infinito, o amor, o tempo e a natureza. Também se destacam os poemas metalinguísticos, em que a autora fala do próprio fazer poético, quase sempre associado à busca de eternizar a beleza, sempre efêmera, passageira (GOLDSTEIN, 2000).

Numa perspectiva de análise, observa-se as considerações que seguem num centrar-se literário e filosófico:

No poema, como um todo, percebemos logo de início algumas das principais características da poesia de Cecília Meireles, tais como leveza e a delicadeza com que tematiza a passagem do tempo, a transitoriedade da vida e a fugacidade dos objetos, que parecem intocáveis em seus poemas, com uma linguagem altamente feminina, intuitiva e sensorial, decorrendo assim, um certo tom melancólico dos mesmos (ROCHA, 2000, p. 11)

Ainda para Rocha (2000), o poema é riquíssimo de significações e através da detecção dos fatos estilísticos vemos como a poetisa os utiliza com tanta propriedade, criando o seu estilo, que o torna único. O título *Motivo* pode significar uma esperança que o “eu” lírico sente para poder

continuar vivendo, apesar de conscientemente saber que ela, a vida, é uma passagem para um outro plano desconhecido.

Em síntese, tanto os textos da figura 1 quanto da figura 2, demonstram as doutrinas ensinadas por Platão e Sócrates, que se configura ao indivíduo sempre fazer o bem desde que ele saiba o que é o bem. Assim, para Ewing (1953), isso só é verdade se acrescentamos ao significado do termo “saber” uma adequada nitidez emocional daquilo que sabemos do ponto de vista teórico.

8. Conclusão

Concluiu-se que a filosofia, tanto para Platão e Sócrates, deixa para a humanidade a preocupação em tornar as pessoas críticas e responsáveis pelo seu próprio conhecimento, assim, a autonomia é também um assunto importante em suas obras.

O término deste artigo levou à compreensão de que a literatura exerce uma função social, que possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta para o mundo ficcional.

Compreendeu-se as redes sociais e a literatura podem ser aliadas, uma vez que a leitura é algo essencial na formação dos cidadãos, pois desenvolve a criatividade, aumenta o vocabulário, aprimora o conhecimento, além de ajudar na concentração e na construção textual.

Logo, à luz de que filosofia e literatura andam paralelamente e se entrecruzam, nota-se que à medida que se clareia a importância que a literatura exerce no meio social, tem-se a manutenção de pensamento reflexivo e construção de cidadania no meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, A. R. de. A função humanizadora da literatura em Chapeuzinho Vermelho: de Perrault aos Irmãos Grimm, os perigos da sedução. *Revista Eletrônica Calma*, Maringá-PR, 2000.

_____. A Literatura em busca de um conceito. *Revista Urutágua*, Maringá, 03 jul. 2001.

BARTHES, R. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BAXTER, T. M. S. The Cratylus: Plato's critique of naming. *Philosophia Antiqua* 58, Leiden: Brill, 1992.

BERG, R.M. *Proclus commentary on the Cratylus in context: ancient theories of language and naming*. Leiden and Boston: Brill, 2008.

CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. *Direitos humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, M. H. C. de. *Filosofia e literatura: o sentido e a medida de uma relação possível em Maurice Blanchot e Paul Ricoeur*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Portugal, 2013.

CHAUÍ, M. de S. *Convite à filosofia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORTINA, A.; MARTÍNEZ, E. *Ética*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EWING, A. C. *Ethics*. New York, Free Books, 1953.

LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1981.

LEITE, E. G; PEREIRA, R. C. M; BARBOSA, M. S. M. F. O fazer científico nos estudos literários: das práticas letradas acadêmicas às características epistemológicas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, p. 919-50, 2018.

GOLDSTEIN, N. Versos, sons, ritmos. São Paulo, Ática, 2000.

LOPES, P. F. *A ética platônica: Modelo de ética da boa vida*. São Paulo. Loyola, 2005.

MARTINS, A. M. Filosofia e política em Platão. *Revista, Humanitas*, Editor, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1995.

MARCONDES, D. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAZIÈRE, F. *A Análise do Discurso: História e Práticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

OLIVEIRA, M. L. C. Teoria na sala de aula: uma reflexão sobre a leitura na universidade. *Revista Solettras*, v. 23, p. 216-23, 2012.

REALE, G. *História da filosofia: Filosofia Pagã Antiga*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, A. A. Análise estilística de alguns poemas de Cecília Meireles. *Revista Philologus*, Ano 6, n. 16, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.

RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SERAFINI, A. M. dos S. *A autonomia do aluno no contexto da educação a distância*. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files>
Acesso em: 25mar2021, 2012.

SOUZA, E. M. de. *A teoria em crise*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Florianópolis, n. 4, p. 19-29, 1998.

VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.